

“COR” NO ENSINO SUPERIOR: PERFIL DE ALUNOS DOS CURSOS DE HISTÓRIA, ECONOMIA E DIREITO DA UFMT.

SANTOS, Cássia Fabiane dos - UFMT¹

GT: Afro-brasileiros e Educação / n.21

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Esta pesquisa nasceu do interesse de compreender a existência de um grande desnível no tempo de escolaridade no ensino superior entre brancos e negros, com prejuízos para os últimos. Tem como objetivo identificar a cor e a trajetória de vida e de estudo de alunos dos cursos de História, Economia e Direito da UFMT, mapeando a distribuição racial dos alunos dos referidos cursos no período de 1998 a 2002.

Tendo como pressuposto que a educação é capaz de promover a ascensão social e econômica do negro na busca de uma maior igualdade entre os brancos (Azevedo, 1955), decidiu-se por pesquisar quais foram os fatores determinantes na trajetória escolar de alunos negros que conseguiram romper com o processo de exclusão no acesso ao ensino superior. A pesquisa propõe um enfoque diferente ao dado tradicionalmente nos estudos das desigualdades raciais que, em geral, enfatiza as dificuldades enfrentadas pelo negro no acesso ao sistema escolar. Acreditamos que fazer um estudo das trajetórias de vida e escolar dos alunos negros até chegar a UFMT pode contribuir para explicar como e quando a realização de um curso superior passa a fazer parte de seus projetos visando uma possível ascensão social, via educação, e por que estes são bem sucedidos onde tantos fracassam.

A Universidade Federal de Mato Grosso tem poucas informações sobre o perfil de seu aluno. O último levantamento sócio-econômico data de 1996. Contudo, este levantamento não contempla o quesito “cor”. Em 2003 foi realizado pelo NEPRE (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação) o “Censo Étnico-Racial da UFMT” com o objetivo de identificar a “cor” e a localização destes alunos por curso. No entanto, é necessário preencher a lacuna dos anos anteriores no que se refere à origem racial e as trajetórias escolares. Sendo assim, esta pesquisa se torna relevante para se obter dados sistematizados sobre a cor ou a origem racial destes alunos, bem como o percurso escolar percorrido. Ademais, o tipo de informação obtido com esse

¹ Mestranda da Linha de Movimentos Sociais e Educação do Programa de Pós-Graduação da UFMT

estudo permitirá a universidade planejar melhor a busca de recursos para o apoio da graduação, à medida que terá uma base de dados mais fidedigna sobre seu alunado.

No Brasil, existe um sistema de hierarquização social em que a cor se associa ao status social para definir o lugar das pessoas. Nesse sistema, a cor mais clara está relacionada ao status mais elevado e a cor mais escura, aos mais baixo status, esta é uma realidade que permeia todas as instituições sociais, dentre elas, as instituições educacionais. Pois os dados mostram que há posições hierárquicas na situação sócio-econômica dos estudantes correspondentes à sua gradação de cor e que coloca aqueles consistentemente classificados como brancos na situação de maior privilégio e os classificados consistentemente como negros, mestiços, índios na situação de menor privilégio.

Ao analisar o acesso de negros e brancos à escola bem como a universidade, algumas pesquisas têm concluído que as trajetórias dos alunos negros apresentam-se bem mais acidentadas do que as dos alunos brancos. Segundo MUNANGA (2000) a inserção do negro no sistema educativo brasileiro é ainda problemática.

Isto pode ser observado nos trabalhos de Hasenbalg & Silva (1991), Henriques (2001), Jaccoud (2002), cujos estudos têm mostrado que os estudantes não-brancos completam menos anos de estudos que os estudantes brancos.

No campo do ensino superior as universidades brasileiras fomentam esse processo social de invisibilidade da diversidade étnica e/ou racial da população estudantil, resultando numa quase ausência de informações nesse campo.

Teixeira (2003), ao estudar os alunos de uma Universidade no Rio de Janeiro, indica que de cada grupo de 100 alunos negros, chegam à universidade apenas 2.

Guimarães; Prandi (2001) sobre o I Censo Étnico-Racial da USP trazem-nos os dados de que dos 13.925 alunos que responderam ao questionário, 78,2% são brancos e, apenas 8,3%, são negros.

Hasenbalg (1987) afirma que, em nível de escolaridade, o negro enfrenta três impasses: entrar ou não no sistema de ensino, ultrapassar ou não a barreira da 1ª série, completar ou não o antigo primário.

Mais recentemente, a partir da pesquisa especial da PNAD 76 e do Censo de 80, têm-se procurado retomar as análises dos dados de cor do IBGE. Assim, estas análises têm apontado para o fato de negros ingressarem tardiamente numa universidade e terem as mais elevadas taxas de repetência, evasão e atraso escolares.

Os estudos de Teixeira (2003) apontam um fator relevante na análise da

ascensão social do negro: a maior parte destes não chegam ao 2º grau e nem ao nível superior. A autora constata ao analisar as trajetórias de negros que chegam ao ensino superior e de seus processos de escolha de carreira e projetos de ascensão social, que, de uma maneira geral, o perfil do aluno negro que ingressa na universidade é de alguém de origem social mais baixa, que frequentou escolas de primeiro e segundo graus de ensino deficiente e que, por alguma razão consegue ascender ao ensino superior. A maior parte deles escolhem cursos da área de humanas, carreiras menos valorizadas no mercado de trabalho e menos concorridas no exame vestibular, demonstram um nível mais baixo de “aspiração”, condizente com “limitações” impostas por uma origem nas classes sociais desfavorecidas, e também marcadas por uma identidade negra com experiências de discriminação.

Desta forma, pode-se concluir que o negro que está na universidade é alguém que, de fato, ascendeu em relação à maioria dos negros e que as expectativas da sociedade diante de uma pessoa negra é que se espera dele, a priori, um desempenho mais fraco. E os que chegam à universidade sempre são questionados quanto suas “capacidades intelectuais”. Na realidade, nem a Universidade, um lugar tão mais politizado que a maioria, está livre desse tratamento em relação aos negros.

Segundo dados do PNAD 88, enquanto 13,3% dos homens brancos e 10,7% das mulheres brancas chegam ao nível superior apenas 2,8% dos homens negros e 2,6% das mulheres negras alcançam este patamar. Isto é tão sério e grave, que Barcellos (1992) define muito bem: “menos alfabetizados, retidos em patamares educacionais mais baixos, poucos negros conseguem chegar à universidade. É tão pouco que se quer são suficientes para serem registrados no gráfico”.

Acreditamos que pesquisas como estas contribuem para a discussão de políticas de cotas para negros em universidades públicas, porque assim estes poderão concorrer em oportunidades iguais no mercado de trabalho e ter o respeito que merecem.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa se faz necessário que construamos um corpo de informações sobre o ingresso, localização e permanência dos alunos negros.

Para isso fizemos um levantamento de fontes sobre o perfil dos alunos da UFMT nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Monografias, Dissertações, Teses, artigos e documentos diversos, cujos resultados apontam para a quase inexistência de um corpo de estudos sobre relações raciais e educação na UFMT. Constatamos então que a única forma possível de obter um dado que mapeasse os alunos dos três cursos pesquisados

em termos da cor ou identidade racial seria através da fotografia em 3X4 que constava em suas fichas de matrícula. Analisando as fotografias definimos sua cor tomando como base as categorias proposta por Teixeira (2003): NEGROS, MULATOS, PARDOS E BRANCOS. Foi elaborada uma ficha contendo alguns critérios a serem observados, de forma a obter um perfil mais sistematizado dos mesmos: nome; número de matrícula; data e local de nascimento; quando, em que estabelecimento e qual o curso realizado no ensino médio; categoria de cor existente na certidão de nascimento; o ensino superior: trancamento, mudança de turno, se o mesmo tem outra graduação.

Tendo identificado os alunos negros, mulatos e pardos realizamos entrevistas com alguns destes alunos. Na coleta dos depoimentos utilizamos a técnica de história de vida. Esta técnica é definida aqui como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os fatos vividos “(...) através dela se delineiam as relações com os membros do seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (QUEIROZ, 1988 p.20), captando entrelaçamentos da vida individual com a social. Foram analisados documentos de 1.169 alunos dos Cursos de História, Economia e Direito da UFMT, campus Cuiabá, que estão distribuídos entre os anos de 1998 a 2002. Realizaremos entrevistas com alunos negros para verificar suas trajetórias de vida e escolar, se estabeleceram redes de apoio para ingressar e permanecer na universidade.

Até o presente momento tabulamos os dados do curso de História e no que se refere à cor é possível observar os seguintes resultados:

CATEGORIAS	Nº ALUNOS	%
PARDOS	50	21%
MULATOS	46	20%
NEGROS	42	18%
BRANCOS	32	14%
SEM FOTO	63	27%
TOTAL	234	100%

Tabela de distribuição de alunos no Curso de História da UFMT (1998-2002)

A partir destes dados podemos verificar que neste curso há uma presença significativa de pardos, mulatos e negros. Por sua vez, quando comparado à trajetória escolar dos alunos brancos, estes demonstram ter trajetórias muito mais acidentadas, chegando a ter de 2 trancamentos de matrícula.

Também é expressiva a quantidade de alunos negros e pardos que realizaram estudos supletivos para completar o 2º grau e, às vezes, até cursaram o supletivo do ensino fundamental. Esses estudos, na sua grande maioria, foram realizados em escolas públicas estaduais.

Quanto à origem geográfica, nota-se uma forte presença neste Curso, de alunos oriundos da Capital, Cuiabá, ou do interior do Estado de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Ascensão social; Trajetória de vida; Cor e desigualdade no ensino superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales de. *As Elites de Cor, Um Estudo de Ascensão Social*. Brasileira: São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1955

BARCELOS, Luiz Cláudio. “Educação: um quadro de desigualdades Raciais”, In: *Cadernos Candido Mendes, estudo Afro-Asiáticos*, 23, 1992.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil* (1999) Editora 34/FUSP. São Paulo.

HASENBALG, C. A “Desigualdades Sociais e Oportunidades Educacional”, in: *Raça Negra e Educação, Cadernos de Pesquisa* (63): 24-26, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1987.

_____ e VALLE SILVA. “Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil”, in: (vários autores) *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1991.

HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década da 90*. IPEA, Texto para Discussão nº 807, 2001.

JACCOUD, Luciana. BEGHIN, Nathalie. *Desigualdade Racial no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Ipea, 2002.

MUNANGA, Kabengele. O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizagem do “alunado” negro. In: GENTILI, Pablo, KRUG, Andréa, SIMON, Cátia. Utopia e Democracia “Os inéditos viáveis” na Educação Cidadã. Ed. Universidade/UFRGS/Secretária Municipal de Educação, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura P. Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Sinson. Olga de M. (Org.) Experimentos com história de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

TEIXEIRA, Moema De Poli. “Negros e Universidade” Identidade e Trajetórias de Ascensão Social no Rio de Janeiro - Rio de Janeiro: Pallas, 2003.